

Cultura

Por Mateus Lincoln

A Embaixada do Japão reconheceu o Festival de Japonês do Centro Interescolar de Línguas (CIL) do Gama como um dos eventos representantes da cultura nipônica no Brasil. Após dez edições, o evento, realizado em uma região administrativa periférica do Distrito Federal, recebeu o apoio da delegação japonesa por levar a cultura daquele país com atrações de alto nível para um eixo tão distante (34,7 km) do centro de Brasília.

E, foi assim que, no último sábado (6), o CIL do Gama se transformou em um pequeno pedaço do Japão. Bandeirinhas vermelhas e brancas, luminárias de papel, cartazes com ideogramas e o aroma marcante da culinária oriental prepararam o terreno para um dia inteiro de imersão cultural. A décima edição do Festival de Japonês, conhecido como Nihon Matsuri, bateu recorde de público: cerca de mil pessoas circularam pelos espaços da escola, em um movimento que surpreendeu até os organizadores.

“Eu já tinha ouvido falar do evento, mas não esperava que fosse de uma qualidade tão grande”, admitiu um visitante para André Baióff, jornalista voluntário que apurou o evento juntamente com a reportagem.

A surpresa dele se repetia em diferentes rostos: jovens, idosos, famílias inteiras que encontraram, no Gama, uma experiência cultural que geralmente só acontece no Plano Piloto.

O festival nasceu modesto, há dez anos, como iniciativa do curso de japonês do CIL Gama. Hoje, tornou-se uma referência entre os eventos de cultura nipônica na Capital Federal, ocupando lugar entre os dez maiores, segundo a organização.

Mais do que um espetáculo de música, dança e gastronomia, o Nihon Matsuri é também um ato comunitário. Boa parte da programação, da cenografia aos estandes, só existe porque alunos, ex-alunos e parceiros dedicam horas de trabalho voluntário. A cada edição, o festival reafirma o que a coordenadora do curso, Vervanne Couto, chama de “círculo de pertencimento”.

“É emocionante ver ex-alunos, que estão seguindo com suas vidas, voltarem todo ano para ajudar a levantar essa festa. Isso mostra que o curso de japonês aqui não é apenas ensino de língua: é comunidade, é família”, disse a sensei (professora) à reportagem.

Embora haja um aporte governamental, os recursos não são suficientes para bancar a festa. Por isso, a arrecadação é essencial: toda a renda obtida vai para a compra de livros, mangás, apostilas e materiais didáticos, garantindo a continuidade do curso.

Além disso, a professora também comemorou o fato de o festival levar atrações culturais internacionais para um público que mora longe da região central do DF.

“Trouxemos lazer para pessoas que não estão acostumadas a ter divertimento desse gênero tão perto de casa. As grandes festas voltadas às tradições orientais acontecem com frequência no Parque da Cidade ou no Lago Sul, mas não no Gama. Nós, o CIL, os alunos e ex-alunos, fizemos isso”, reconheceu a sensei ao Correio da Manhã.

Reconhecimento oficial

A grandiosidade do festival chegou, neste ano, até a Embaixada do Japão no Brasil. A terceira secretária do Departamento de Cultura e Imprensa, Ami Matsue, esteve presente na abertura e celebrou a iniciativa.

“Fico feliz em saber que, no Gama, existe uma confraternização tão grande da cultura nipônica. Como nossos países ficam longe um do outro, é difícil que as pessoas conheçam tudo pessoalmente. Mas, por meio do festival, conseguimos estreitar os laços de amizade entre brasileiros e japoneses”, afirmou ela ao Correio.

Matsue ainda se mostrou encantada com a decoração artesanal, fruto do esforço coletivo dos voluntários: “Tudo muito bonito e feito com bastante cuidado. Trata-se de uma iniciativa que alcança um público onde a embaixada não consegue chegar”.



Expectadores deixaram de apenas assistir para fazer parte da apresentação de Bon Odori

Festival Japonês no DF é reconhecido pela Embaixada do Japão no Brasil

Celebração é feita há 10 anos a partir do trabalho voluntário de apoiadores, professores, alunos e ex-alunos

Gastronomia, K-pop e tradição

O festival ofereceu um cardápio variado, no sentido literal e figurado. Durante todo aquele sábado, o estacionamento do CIL transformou-se em uma pequena feira, onde algumas bancas vendiam apostilas e livros didáticos e outras comercializavam botons, mangás e figuras de ação.

Havia ainda, nesse mercadinho, alternativas focadas na culinária do leste asiático, indo dos hypados corn dogs aos tempuras e chegando aos tradicionais doces da famosa loja Reiko.

No auditório e na quadra, aconteciam as grandes apresentações e concursos. Enquanto nas salas de aula, os alunos montaram estandes diversos com pequenas apresentações, exposições de arte e também salões de jogos e brincadeiras.

Como, atualmente, o Japão não é o único representante popular da cultura do leste asiático no Brasil, a programação também incluiu atividades ligadas às tradições e produções artísticas da Coreia do Sul, como salas temáticas sobre k-idols (ídolos sul-coreanos) e competições de dança com grupos de k-pop (pop sul-coreano).

Principais atrações

No auditório e na quadra, as grandes apresentações atraíram os olhares. Ao longo da tarde, alguns ex-alunos e integrantes das bandas Lunia e Maverick Hunters comandaram shows recheados de sucessos musicais dos animes e que ainda levaram ao público muita nostalgia com trilhas sonoras de jogos clássicos dos anos 1990.

O grupo Koharu Shigure apresentou o Bon Odori, que celebra tradição e amizade entre descendentes nipônicos. Com leques e passos sincronizados, elas dançaram músicas clássicas e também canções modernas. O público se encantou com o espetáculo cultural.

Crianças, homens, mulheres e idosos, todos foram convidados pelas próprias dançarinas para participar do número final. Nesse momento, houve uma quebra de expectativas das pessoas que, durante todo o espetáculo, viram um ritualismo mais sério chegar ao ápice com a participação de todos.

“Estamos buscando novas integrantes para manter viva essa tradição”, contou Mary Kiyomi Sato em uma conversa com o jornalista André Baióff. Ela é uma das dançarinas e explicou sobre o Bon Odori remontar ao festival Obon, que, anualmente em agosto, homenageia antepassados falecidos no Japão. Para ela e suas colegas,

Mateus Lincoln/Correio da Manhã



O Kishouraku Daiko uniu percussão e instrumentos de sopro

Dillan Alves/CIL Gama



Dentre os diversos estades temáticos, alguns aprofundaram no tema dos 130 anos de amizade entre Brasil e Japão

“As grandes festas voltadas às tradições orientais sempre aconteciam no Plano Piloto, mas não no Gama”

Vervanne Couto-sensei

“Trata-se de uma iniciativa que alcança um público onde a Embaixada não conseguiria chegar”

Ami Matsue, secretária da Embaixada do Japão no Brasil